

Morte de pataxó reforça exílio de índios da região



CURUMIM
 A menina Jussara entre as folhas de bananeiras de sua tribo: plantam para consumo próprio

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA
 Da Redação

A morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília no último domingo, está provocando reflexos na aldeia guarani Morro da Saudade – ou Tekoa Dauyai, na linguagem indígena –, localizada a uma hora de Riacho Grande, na divisa de São Bernardo com São Paulo. De acordo com o representante da tribo, Alízio Gabriel Tupã Mirim, que conhecia Galdino, o episódio com o pataxó deixou sua comunidade atemorizada e contribuiu para que a espécie de exílio em que os índios normalmente vivem fique ainda mais fortalecida.

“Da mesma forma que os brancos têm medo do mato, nós já temos um medo natural da cidade”, disse Alízio. “Mas fatos como esse que aconteceu ao pataxó, que foi a Brasília para defender sua tribo, nos

deixam com mais pavor.” Para Alízio, essa discriminação contra o índio não foi um fato isolado. “O preconceito está em todo o lugar e é mostrado das mais diversas formas. Muitas vezes, nas ruas, nos olham torto, só porque somos indígenas. Por isso vivemos só para a aldeia. Aqui ficamos tranquilos”, disse o guarani.

Os moradores da aldeia Morro da Saudade, cerca de 360 índios guaranis, vivem apenas dentro dos 26 hectares de terra que pertencem a eles. Não saem às ruas e só vão às cidades quando têm realmente algo de importante a fazer, como tratar dos interesses da tribo ou levar os pequenos curumins para apresentações de dança (*leia texto abaixo*). E, mesmo nessas ocasiões, só saem os líderes da aldeia (o cacique, o vice-cacique, o representante e outros homens, escolhidos a dedo).

Antes de encarar o fato com piedade (talvez seja esse o jeito que a maioria enxerga o modo de viver meio enclausurado dos guaranis), atenção: os índios se ofendem com essa atitude. Isso porque viver apenas para a comunidade é uma das diversas manifestações da cultura indígena, e não há nada que eles respeitem mais do que suas tradições. “Nos sentimos protegidos ficando aqui e também protegemos a aldeia”, disse Pedro Luiz Maceno Karai Tataendy, coordenador da escola local.

ENCONTRO – Foi numa dessas saídas da aldeia para tratar de assuntos de interesse coletivo que o representante Alízio conheceu o índio pataxó hã-hã-hã Galdino Jesus dos Santos. “Eu o encontrei numa conferência nacional de Saúde, em Brasília, há dois anos”, lembrou Alízio. “Era um cacique muito querido e respeitado em sua aldeia.”



QUERUBIM
 A índia Balbina: grupo de crianças da tribo dança para aumentar recursos da aldeia

A comunidade de Morro da Saudade fez uma homenagem um dia após a morte do índio pataxó. “Todas as nações indígenas são, na verdade, um só espírito”, disse Alízio. “Quando sabemos da morte de um índio, fazemos uma cerimônia para a alma dele, para que Deus dê a ele um lugar para viver em paz. Pedimos também que nos dê força para continuarmos a luta de quem se foi.” O culto foi celebrado pelo pajé da aldeia, em uma oca conhecida como Ôpy Gwaxu, o templo indígena.

Uma próxima saída para os líderes da tribo está programada para acontecer até junho deste ano. Alízio quer voltar para Brasília para conversar com o presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Júlio Gaiger. Entre as reivindicações, quer melhorias no sistema de saúde da aldeia. “Já tivemos muitos casos de diarreia, febre e até pneumonia.”

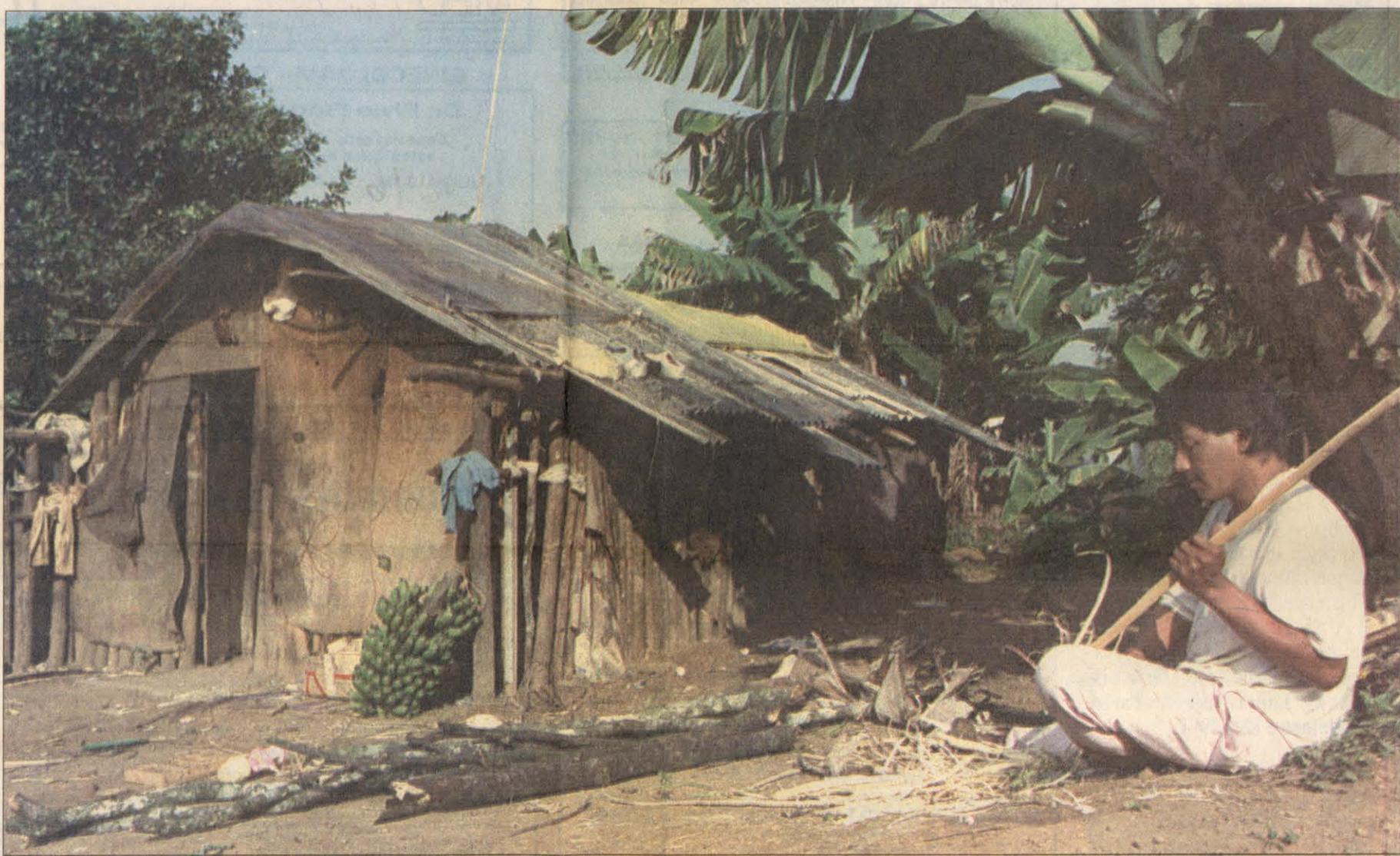
Curumins quebram clausura para dançar

Da Redação

Os índios guaranis do Morro da Saudade vivem basicamente do artesanato. Acordam cedo, entre 5h30 e 6h, e começam o trabalho – antes, porém, pausa para o café da manhã, à base de chimarrão. Mulheres e homens produzem colares, roupas típicas, enfeites e arcos e flechas com cipós, madeiras, taquaras e semente de capim. Os artesanatos são vendidos aos visitantes da aldeia – em sua maioria, alunos do Grande ABC, São Paulo e interior do Estado.

Há pouco mais de um ano, no entanto, a aldeia conseguiu uma nova forma de aumentar seus dividendos. Dez curumins (crianças), com idades entre 8 e 13 anos, formaram um grupo de dança. Elas são ensaiadas por um membro da aldeia. Por meio de contratações, apresentam danças e cantos típicos guaranis, vestidas a caráter. Os próximos espetáculos estão marcados para amanhã e terça-feira, às 10h, na Casa de Fotografia Fuji, em São Paulo (avenida Veardor José Diniz, 3.400). Lá está sendo realizada uma exposição de fotos sobre tribos indígenas.

Mas não são somente as crianças que estão ligadas a projetos culturais. Os adultos da tribo participaram no ano passado da gravação de um CD, *Borai Porã*, da gravadora Planeta Som. Este ano, há planos do tipo nas mangas dos índios guaranis. “Países como Japão e Estados Unidos ficaram muito interessados no som indígena brasileiro, e nós devemos gravar um novo CD, com a ajuda da Secretaria Estadual de Planejamento”, disse Pedro Luiz Maceno Karai Tataendy. (CCL)



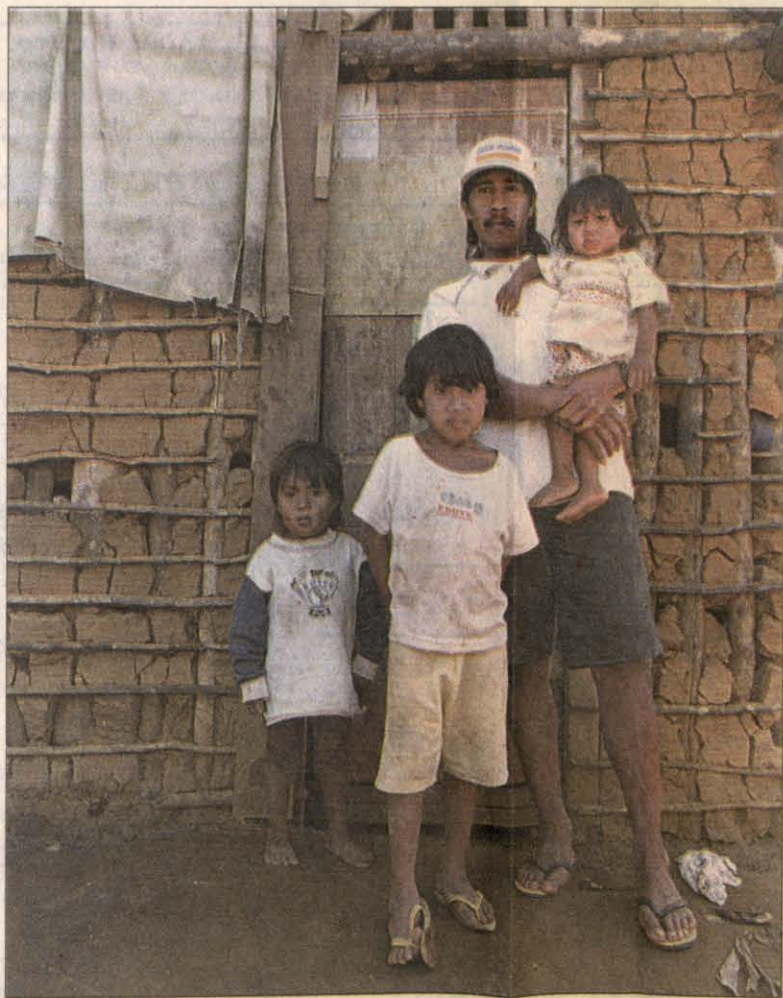
GUERRA EM TEMPO DE PAZ

Um dos moradores da aldeia Morro da Saudade corta bambu para fazer arco e flecha: artesanato é vendido a estudantes que os visitam



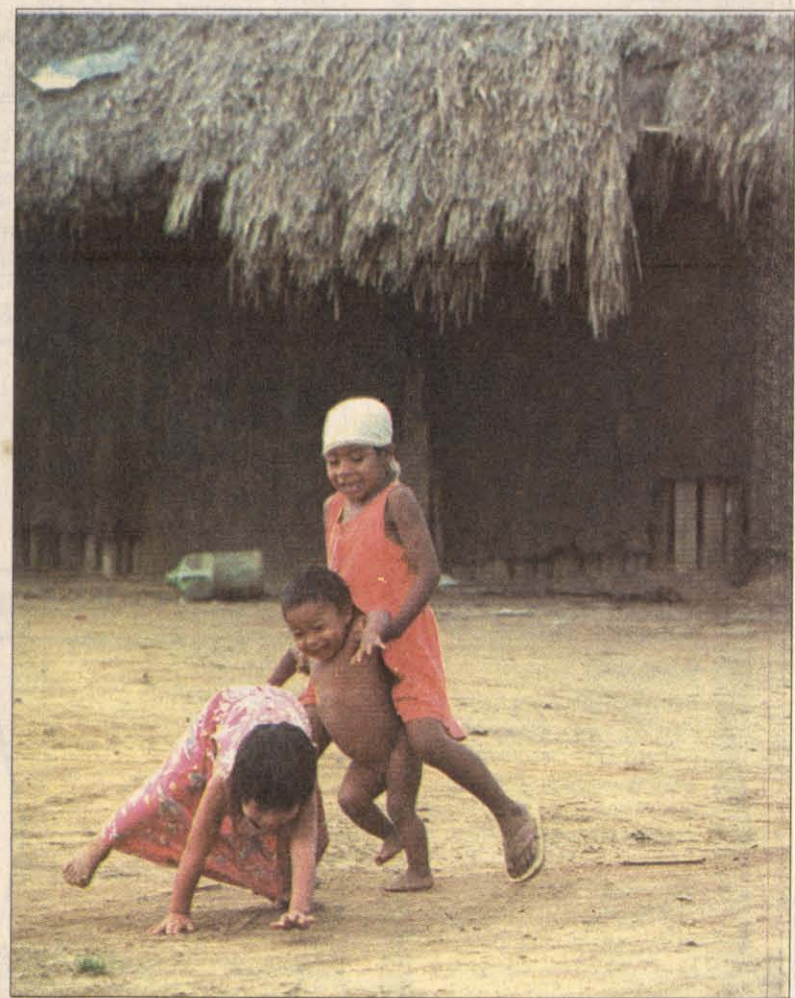
ARTESÃS GOSTAM DE NOVELA

Mulheres e homens dividem-se na tarefa do artesanato, principal forma de conseguir dinheiro. Eles, que vivem em casas de pau-a-pique com televisão (em sua maioria), também plantam banana e criam aves para consumo próprio.



MUSEU ESPERA DINHEIRO

Segundo o representante Alízio Gabriel Tupã Mirim, um de seus projetos é terminar um galpão de cerca de 150 m² – ainda nos alicerces. A ideia é transformar o local em ponto cultural da tribo, instalando um museu. Mas falta verba.



ESCOLA PARA TODOS

As crianças a partir dos 3 anos começam a frequentar a escola indígena da aldeia, a Escola Guarani Ambá Arandú. O currículo é como o das escolas normais, mas a carga horária é bastante superior. São 306 dias de aula, 106 a mais.